

ALBERTO A

Caixa postal 34031
Rio de Janeiro, RJ
22460 - 970, Brasil

ISSN 0103-4944

Série Urticineae (Urticales)

novembro de 2002

Nº 10

FICUS NEVESIAE CARAUTA (MORACEAE) NOVA ESPÉCIE E AMEAÇADA DE EXTINÇÃO

Jorge Pedro Pereira Carauta

UFRJ, Museu Nacional, Departamento de Botânica
Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ. 20940-040

Resumo. Descreve-se uma nova espécie de Moraceae, *Ficus nevesiae*, Carauta, do Estado do Rio de Janeiro, muito afim às do grupo de *Ficus insipida* (subg. *Pharmacosycea*), das quais difere pela forma e superfície do sicônio. Categoria da Lista Vermelha da UICN: vulnerável (VU).

Palavras-chave: Taxonomia, Moraceae, *Ficus*, Rio de Janeiro.

Abstract: *FICUS NEVESIAE* CARAUTA (MORACEAE) A NEW AND THREATENED SPECIES. A new Moraceae species, *Ficus nevesiae* Carauta, is described from the Rio de Janeiro State, close related to the *Ficus insipida* complex (subg. *Pharmacosycea*), which is distinguished by the shape and surface of the syconium. IUCN red list category: vulnerable (VU).

Key-words: Taxonomy, Moraceae, *Ficus*, Rio de Janeiro.

Ocorreu outrora uma soberba restinga na baixada de Jacarepaguá e nos 18 km de extensão da Praia de Sernambetiba. Ali observei o *Ficus nevesiae* pela primeira vez, em 1969. Esta vegetação imensa praticamente deixou de existir com a urbanização da Barra da Tijuca; assim sendo, descreve-se aqui uma espécie nova e constata-se de imediato encontrar-se ameaçada de extinção: *Pro pudor!*

Ficus nevesiae Carauta, sp. nov. subg. *Pharmacosycea*.

Facie ad Ficus insipidam accedit proximae, autem forma et superficie verrucosa syconii toto coelo differt. Species Leae Jesus Nevesiae dicata.

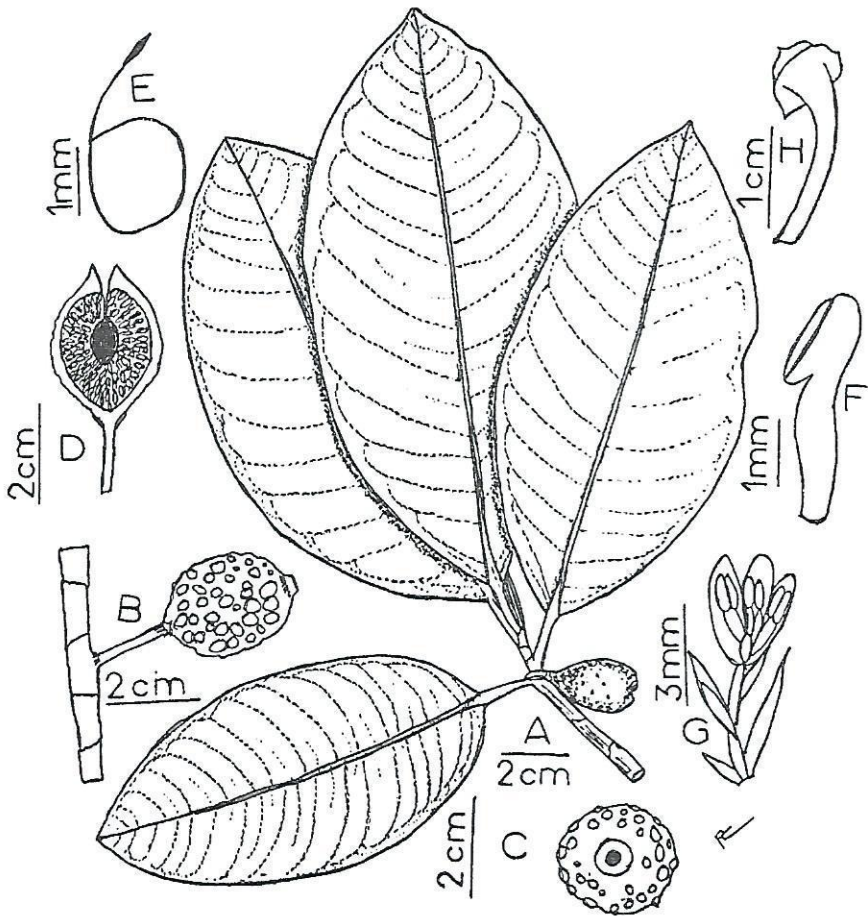
Typus hic designatus: Brasil, Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Morro da Babilônia, 22° 58'S, 43° 11'W, quase sobre o Túnel Novo, Avenida Carlos Peixoto, Shopping Rio-Sul, na direção da ladeira do Leme; *leg.* B. Ernani Diaz 395, 12 XI 2000 (*holotypus* R, *isotypus* GUA, SP et in aliis herbariis).

Nomina vulgaria: figueira-de-neves, ficus-nevésia, guaxinguba-preta.

Nanophanerophyllum vel *mesophanerophyllum*, ramulis plerumque 5 mm diametri, glabris; stipulis viridantibus 2-9 cm longis, caducis. Lamina foliari elliptica, ovata,

oblonga, elliptica-ovata, non saepe elliptica-lanceolata vel elliptica-oblonga, glabra, 5-30 cm longa et 1,5-17 cm lata; basi cuneata; apice acuminato admodum raro subulato; nervatione curvi-pinnata leviter prominente utraque lateralibus, 60°-90° angulata, 2-5 paribus basilaribus plus 1-20 paribus lateralibus; petiolo 1,5-6 cm longo. Pedunculo 1-3,8 cm longo. Syconia solitaria glabra, 1,5-3 cm diametri, 3,5 cm longa viridibus, immaturis globosis, postea piriformibus vel ovoideis, superficie enormiter verrucosa, irregulariter sublata; basin versus angustata interdum etiam versus apicem; ostiolo annulis marginibus 3 mm latis, eximie concavatis, 3-5 epibracteis 1 mm longis et 3 mm latis.

Consecrare volui hanc speciem meritis diligentissimae Leae Jesu Nevesiae, cuius studia pertinentia anatomiae Ficus fecerunt ut plures quaestiones de speciebus brasiliensibus huius difficilis generis explanatae fuissent.



Ficus nevesiae Carauta. A - hábito (Díaz 395); B, C, D - sicônio; E - gineceu; F - estame (Carauta 868); G - flor masculina de pedicelo longo (Araújo 9610); H - pedúnculo e epibrácteas sem o sicônio (Oliveira 508).

Ficus nevesiae vulnerabilis est secundum iudicium Coligationis Mundialis ad Conservationem Naturae (IUCN): VU, A 1 ac B 1 b (III, IV, V) C 1, D 1 (Carauta, Diaz, Coimbra Fº & Vieira, *Albertoa* sér. *Urticineae* 6: 37-42, 2001).

Paratypi: RJ, Cabo Frio, restinga de Massambaba, próximo ao Monte Alto; *leg.* D. Araujo 7891 (2 VI 1987) GUA. RJ, Jacomé; *leg.* D. Araujo 9610 (8 IV 1992) GUA. RJ, Rio de Janeiro, Aeroporto Santos Dumont; *leg.* J. P. P. Carauta 563 (18 II 1968) GUA. RJ, Rio de Janeiro, Reserva Biológica de Jacarepaguá; *leg.* J. P. P. Carauta 868 (12 VII 1969) et 4354 (14 VIII 1986) GUA. RJ, Rio de Janeiro, Cosme Velho; *leg.* B. Ernani Diaz 180 (1 I 2000) R. RJ, Rio de Janeiro, Morro da Babilônia; *leg.* B. Ernani Diaz 189 (10 I 2000) R. RJ, Rio de Janeiro, na entrada do Túnel Rebouças Laranjeiras-Lagoa; *leg.* B. Ernani diaz 195 (18 I 2000) R. RJ, Rio de Janeiro, Urca Caminho Cláudio Coutinho; *leg.* B. Ernani Diaz 462 (20 III 2001) R. RJ, Rio de Janeiro, Angra dos Reis. Ilha Grande, Reserva Biológica da Praia do Sul; *leg.* C. A. L. de Oliveira 508 (27 XI 1991) GUA. *Aliqua specimina horum typorum postea aliis herbaris missum erunt.*

**FICUS GOMELLEIRA KUNTH (MORACEAE):
DESCRIÇÃO LATINA DO SICÔNIO E COMENTÁRIOS SOBRE O AUTOR.**

Jorge Pedro Pereira Carauta. Caixa postal 34.031. Rio de Janeiro-RJ. 22460-970
B. Ernani Diaz. End. intern.: ernani.diaz@uol.com.br

Embora na Botânica as diagnoses latinas tenham se tornado cada vez mais curtas, o latim ainda permanece como idioma a ser usado em certos casos, de acordo com o Código Internacional de Nomenclatura Botânica, Saint Louis, 2000. Considerando-se que no gênero *Ficus* (Moraceae) o figo é uma das partes mais importantes nas diagnoses e não existe a descrição latina do sicônio, apresenta-se aqui um complemento da diagnose de *Ficus gomelleira* Kunth.

Ficus gomelleira Kunth (*Enumeratio synoptica Ficus...*, in: C.S. Kunth & C.D. Bouché, *Index Sem. Hort. Bot. Berol...*, 1847)

Syconia axillaria per paria, 2-3,2 cm diametri. Bractee basilaris dual, intus roseae, irregulariter pilosae usque ad 5 cm diametri. Ostiolum planum vel concavatum, circulare vel 2-4 angulatum; anulo irregularites nodoso, leviter elevato et pauco nitido, 4 mm diametri; pedunculo 1-2 cm longo, pubescente.

Material examinado:

Brasil. “*In Brasilia orientali, Martius*” M (holótipo de *Ficus doliaria*). “Martius 112, Miquel 368” F 18822. **Amazonas.** Rio Uatumã, margem direita, área da Cachoeira Bolbina; Cid et al. 310 (13.VIII.1979) RB. **Piauí.** Sete Lagoas; Luetzelburg 1707 (VI-VII.1912) RB. **Bahia.** Lençóis, margem do Rio São José; Martinelli 5329 (28.X.1978) RB. **Minas Gerais.** Paraopeba, Fazenda do Baía, Lagoa Preta; Heringer 5795 (19.X.1957) UB. **Rio de Janeiro.** Angra dos Reis, Ilha Grande; Sucre 11287 & Gomes (3-9.IX.1980) GUA. Bom Jesus do Itabapoana, Carabuçu, Fazenda São Jorge; Carauta 4377 & al. (22.VIII.1982) GUA. Mangaratiba; Carauta 5401 (18.XI.1986) GUA. Rio de Janeiro, Estrada Vista Chinesa, km 4; Carauta 235 (15.X.1964) GUA; 4360 (1.VI.1978) F. NY, US. **Santa Catarina.** Blumenau, Morro Spitz Kopf; Reitz & Klein 8965 (21.VIII.1959) A, BR. Itajaí, Morro da Ressacada, 250 m/s.m. ; Klein 1520 (12.VIII.1955) ICN, MBM, NY, UC, US.

A respeito da autoria da espécie podem ser dadas as seguintes informações. Anos antes de 1846, sementes de *Ficus gomelleira* foram enviadas do Horto de Munique para o

de Berlim, Alemanha. Não se sabe quem as enviou, mas em 1846 a planta estava cultivada no Jardim Botânico Real de Berlim, sob a gerência de cultivo de Carl David Bouché (1809-1881), que oficialmente tinha ali a função de “*Inspektor*”. Juntamente com *Ficus gomelleira*, 66 outras espécies de *Ficus* estavam também lá cultivadas. Carl Sigismund Kunth, professor de Botânica em Berlim e vice-diretor do Jardim Botânico organizou as diagnoses destas espécies e publicou, como único autor, o artigo “*Enumeratio synoptica Ficus specierum...*” no documento “*Index Seminum Horto Botanico Berolinensi Anno 1846 collectorum*”, organizado por C.S. Kunth & C.D. Bouché, em 1847, ou seja, um índice de sementes coletadas em Berlim no ano anterior. A espécie foi citada como *Ficus gomelleira Hort. Monac.*, isto é, com a indicação de que a designação era originária do Horto de Munique.

Neste mesmo ano 1847, Kunth republicou o artigo “*Enumeratio synoptica Ficus specierum...*” (*Annales Sciences Naturelles*, Série 3, 1847) com o mesmo texto, mas com algumas pequenas modificações, sendo reafirmada a origem de *Ficus gomelleira* ser de Munique. F.A.G. Miquel em 1847 publicou a nova combinação *Urostigma gomelleira* de *Ficus gomelleira Hort. Monac.* Kunth & Bouché, como citado em *Prodromus Monographiae Ficuum*, London Journ. Bot. 6:531, 1847. Na *Flora Brasiliensis* 4(1):79-170, 1853, considerou também que a espécie havia sido descrita por Kunth & Bouché, isso na sinonímia de *Ficus doliaria* Martius. De novo em 1867 Miquel relaciona a designação basônima *Ficus gomelleira Hort. Monac.* Kunth & Bouché (*Annotaciones de Ficus speciebus*, *Ann. Mus. Bot. Lugd. Bat.*, 1867).

Existem dois especialistas de angiospermas, do século XIX, na Alemanha, com o nome Bouché. O pai P.C. Bouché (1783-1856) foi estudioso do gênero *Canna* (Cannaceae), conforme diversos artigos (Linnaea, 8 1833, 11 1837, 18 1844) e atuou numa escola de horticultura em Schöneberg, mas não no Jardim Botânico de Berlim. C.D. Bouché, seu filho, foi responsável pelo cultivo de plantas no Jardim Botânico e construtor ali de estufas para o cultivo de plantas tropicais, incluindo uma muito famosa para palmeiras. Os responsáveis pela publicação do *Index Sem. Hort. Bot. Berol.* nesta época foram, C.S. Kunth & C.D. Bouché, como nos foi informado por dois pesquisadores do atual Jardim Botânico de Berlim, Prof. Walter G. Berendsohn e Dr. Beat E. Leuenberger, a quem agradecemos. No obituário de C.D. Bouché (*Garten Zeitung* 1: 166, 1882) a informação sobre a sua atuação no Jardim Botânico de Berlim está documentada. Estas informações foram confirmadas em 1993 (F.A. Stafleu & E.A. Mennega, *Taxonomic Literature*, Supplement II: Be-Bo, p 375).

Em vista do trabalho conjunto destes dois pesquisadores no Jardim Botânico o *Index Semin. Hort. Bot. Berol.* foi editado por Kunth e C.D. Bouché. Miquel talvez os tenha citado como autores da espécie *Ficus gomelleira* em vista do documento *Index sem...*, não considerando certamente o artigo específico de Kunth, *Enumeratio synoptica Ficus...*

Gordon DeWolf (*Elliottia* 2:4, 1964) repetiu a informação de que a diagnose pertencia aos dois autores, baseando-se possivelmente em Miquel.

Entretanto a publicação da diagnose de *Ficus gomelleira* saiu com o nome único de C.K. Kunth como autor e não se pode contrariar as regras do Código de Saint Louis, já referido acima. Lembrando que as regras do Código são retroativas, está claro no seus itens 46.2 e 46.4 que o autor da espécie é aquele responsável pela diagnose botânica da planta. Citando o item 46.4 do código: “Um nome de um novo táxon deve ser atribuído ao autor ou autores da publicação na qual ele aparece, quando somente o nome, mas não a descrição válida ou diagnose, for atribuída a um diferente autor ou autores”.

Assim, o nome da espécie deve ser citado como *Ficus gomelleira* Kunth.